

UM BALÉ MODELO EXPORTAÇÃO

Kirov demonstra decadência em estreia de temporada no Brasil

* **Crítica:** Helena Katz

❖ RUIM

Começa pelo nome mantido na publicidade, para exportação, porque garante a bilheteria. Para a turnê brasileira, que começou na terça-feira, no Theatro Municipal de São Paulo, o “Kirov” foi mantido nos anúncios, sustentando, fora da Rússia, algo não mais possível lá. “Kirov” sustenta um vínculo com o comunismo e com a falecida União Soviética. Utilizado entre 1935 e 1992, o nome homenageava Sergey Kirov (1886-1934), um revolucionário bolchevique, líder do Partido Comunista da atual São Petersburgo, enquanto Mariinsky remete ao início histórico, quando o Tzar Alexandre II construiu, para a sua esposa, a imperatriz Maria Alexandrovna, o teatro que abriga

hoje a companhia que se tornaria uma lenda no balé.

O “modelo exportação” se mantém na produção de *O Lago dos Cisnes* trazida para o Brasil, fazendo com que aquela que dançaram aqui em 1996 seja lembrada com saudade. Muito possivelmente, não seria com o elenco de agora e tampouco com um acompanhamento tão deficiente quanto o da Orquestra Sinfônica Municipal que o Mariinsky aceitaria enfrentar plateias mais familiarizadas com a tradição do balé. Não somente pelo seu questionável oportunismo em adicionar cisnes negros ao corpo de baile, pegando uma inadequada carona na popularidade do oscarizado filme de Darren Aronofsky (*Cisne Negro*), mas sobretudo pelo desempenho do seu renomado corpo de baile.

Obras do repertório clássico costumam fascinar a plateia com a altura das pernas dos bai-



No Municipal. Acompanhamento deficiente da sinfônica

larinos, a quantidade de piruetas e de saltos. Todavia, se tudo isso não for acompanhado da justa inflexão de movimentos da cabeça, da indispensável qualidade de uso dos braços e, sobretudo, do acabamento das termi-

nações de cada passo... Bem, sem esse conjunto de atributos, a dança simplesmente não acontece. Ao longo dos desempenhos de tantos artistas extraordinários, um padrão foi sendo estabelecido, e não são muitos

os que o atingem. O Mariinsky costuma respeitar esse padrão, mas não com um espetáculo como o que nos está oferecendo, no qual nem o canhão de luz sabe bem a quem deve focar.

A ausência dos seus habituais uníssonos impecáveis juntou-se ao tônus mal distribuído e ao excesso de força e de peso para configurar um desempenho escolar, como se assistíssemos a uma esforçada produção – inaceitável para uma companhia do seu porte, que esgota ingressos a R\$400.

O fato de Danila Korsuntsev ser primeiro bailarino preocupa. Sem carisma e sem qualquer traço de domínio interpretativo, é prova de que a carência de estrelas masculinas, que já vinha atrapalhando a companhia, se acentua de forma ameaçadora. De príncipe, Danila não traz sequer o porte, restando-lhe apenas a altura.

Yekaterina Kondaurava, listada como primeira bailarina no programa, consta como primeira solista no site oficial (www.mariinsky.ru). Destaca-se mais pelos deméritos do conjunto do que por seus próprios atributos, pois ainda lhe falta tudo o

KIROV BALLET

Teatro Municipal. Pça. Ramos de Azevedo, s/nº, 3397-0300. 5ª e 6ª, 21 h; sáb., 20 h; dom., 18 h. R\$ 130/ R\$ 390.

que separa uma ótima solista (que ela é) de uma estrela: presença, magnetismo, habilidade para tonalizar adequadamente os papéis que desempenha (no caso, o dos dois cisnes).

A recepção calorosa do público sugere uma reflexão, neste mundo do consumo no qual vivemos. Parece que a aquisição do ingresso garante o aplauso. A imagem publicitária se sobrepõe ao que acontece, de fato, no palco, ao vivo, blindando a possibilidade de se lidar com o objeto que está ali, na nossa frente, e nele reconhecer qualquer tipo de deficiência. Seria como admitir uma falha nossa na aquisição daquele ingresso – o que, de forma alguma, não desejamos/podemos enfrentar. E se o sucesso está garantido, já se pode imaginar o que vai acontecer quando, no dia 7 de setembro, o Mariinsky apresentar o seu segundo programa, Gala, na Quinta da Boa Vista, gratuitamente.